

NURSING SCHOOL OF UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS: SEVENTY YEARS OF EXISTENCE

ESCUELA DE ENFERMEROS DE LA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS: SETENTA AÑOS DE EXISTENCIA

Geralda Fortina dos Santos *
Valda da Penha Caldeira **
Estelina Souto do Nascimento ***

RESUMO

O objetivo deste texto é apresentar alguns eventos, acontecimentos e aspectos relativos à trajetória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais que completa setenta anos de existência, no ano de 2003. Essa trajetória é dividida em dois grandes períodos: um que se refere da criação da Escola, em 1933 até 1968, e outro que compreende o período de 1968 até os dias atuais.

Palavras-Chave: Escolas de Enfermagem - História; História da Enfermagem; Estudos Retrospectivos

Chega a Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais – EEUFMG, aos seus setenta anos de existência, nesse 7 de julho de 2003. Criada em 1933 e denominada até 1968 de Escola de Enfermagem Carlos Chagas, a EEUFMG tem evoluído e se firmado, no cenário mineiro, nacional e internacional, em suas peculiaridades, por aproximadamente quatro gerações.

Seu papel como instituição impulsionadora do desenvolvimento técnico-científico e social, na área da saúde, e como incentivadora e co-participante das grandes transformações que vem caracterizando a evolução desse campo do conhecimento, em nosso meio, está sendo gradativamente mostrado.

Sua contribuição ao desenvolvimento da Enfermagem, tanto no reconhecimento e valorização do profissional enfermeiro, quanto na melhoria da qualidade do ensino e da prática de enfermagem, também tem sido destacada.

Falta, porém, divulgação mais sistemática de seus feitos. Este é um desafio, principalmente, quando se pensa na EEUFMG inserida na história da enfermagem brasileira, com suas lutas, avanços e retrocessos, ao longo dos 80 anos de ensino formal no Brasil, com a profissão buscando, em todos os momentos, dar maior visibilidade ao seu papel junto à sociedade. Desse modo, neste trabalho, está-se propondo dar uma contribuição, relatando alguns aspectos sobre a Escola.

É uma tarefa difícil essa de resgatar aspectos históricos, no sentido de dar conta da trajetória dos setenta anos da EEUFMG. É uma história rica de ensinamentos, e é tempo de celebração. Momento de visitar mitos e ritos, valorizar as ações das pioneiras, entender os momentos dos silêncios e dos gritos de sobrevivência. Momento propício para a construção de solidariedades, de envolvimento e de uma cultura institucional que urge enraizar-se e cristalizar-se em cada gesto, em cada ação, por minúscula que seja, de cada um dos diferentes atores sociais – alunos, professores e funcionários - que compõem a trama das relações do cotidiano vivido na Escola. Momento essencial para se fazer uma reflexão sobre o passado e de registrar algumas circunstâncias e fatos históricos como forma de nos perpetuarmos no futuro. É nesse sentido que fomos impulsionadas, por forças que nos impregnaram nos anos de alunas e docentes desta nossa-Escola, e que já nos moveu a enveredar em sua história com o trabalho que elaboramos para comemorar os seus sessenta e cinco anos de existência.⁽¹⁾

Percorrer os caminhos da história da EEUFMG é percorrer caminhos de diversidades, contradições, pluralidades, paradoxos, limites, generosidades, dúvidas e particularmente de muitas buscas das pequenas e grandes lutas travadas por mulheres que fizeram uma profissão que se mistura na constituição de suas próprias vidas. Amalgamada

* Enfermeira. Professora da Escola de Enfermagem da UFMG, membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde – NUPEQS-MG. Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG.

** Enfermeira. Coordenadora pedagógica do Curso de Educação Profissional de Nível Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFMG, membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde – NUPEQS-MG. Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da UNIRIO.

*** Enfermeira. Professora da Escola de Enfermagem da PUC-MG, membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde – NUPEQS-MG. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP.

Endereço para correspondência:
Escola de Enfermagem da UFMG
Av. Alfredo Balena, 190 Santa Efigênia
30130-100 - Belo Horizonte - Minas Gerais

em seus diversos matizes, a existência pessoal e institucional dá o colorido à história da Escola.

Contar toda a história, de inúmeras histórias é uma tarefa impossível. Tentaremos apresentar, de forma sintética, alguns fatos e acontecimentos que são relevantes a partir de nossas lentes, de pessoas que viveram e vivenciam parte dessa história que ainda há muito para se contar. É uma história, muitas vezes, sem começo, meio e muito menos um fim. É uma história que simplesmente acontece protagonizada, em sua maioria, por mulheres, que com sua garra e sensibilidade, colocaram a Escola e a Enfermagem em espaços que as valorizam e as reconhecem como instituição e profissão que marcaram e marcam sua presença de comprometimento e compromisso com as condições de vida e principalmente de saúde da população brasileira.

A EEUFMG é uma escola de formação de enfermeiros que, como todas no Brasil, segue a legislação em vigor. No momento, o ensino tem como parâmetro específico as Diretrizes Curriculares⁽²⁾.

A Escola tem longa trajetória que pode ser dividida em dois grandes períodos, comportando cada um distintas fases.

Primeiro período - de 1933 a 1968 – que corresponde à fundação da Escola, e sua subordinação administrativa à Secretaria de Educação e Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (1933-1949) e sua subordinação à Faculdade de Medicina da UFMG (1950-1968).

Segundo período – de 1968, aos dias atuais – que corresponde à desanexação da Faculdade de Medicina, que ocorreu em 28 de fevereiro de 1968, quando passou a ser denominada Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais - EEUFMG. A partir da desanexação, a Escola sofreu alterações, passando a ter a mesma autonomia de gestão - administrativa e financeira - que as demais unidades da UFMG.

A Escola nasceu como Escola de Enfermagem Carlos Chagas – EECC, e foi criada em 7 de julho de 1933, pelo decreto estadual nº 10.952, durante o governo de Olegário Maciel. As atividades foram iniciadas em 19 de agosto, sob a direção de Laís Netto dos Reys, que organizou a Escola e permaneceu como diretora até 1938. A EECC foi a segunda escola de Enfermagem criada no Brasil, de acordo com o sistema nightingaliano de ensino.

A enfermagem, instituída como profissão por Florence Nightingale, na Inglaterra em 1860, foi difundida nos Estados Unidos, a partir de 1873 e implantada no Brasil, em 1923, por uma missão norte-americana, com a criação da atual Escola de Enfermagem Anna Nery. Essa Missão de Cooperação Técnica de enfermeiras norte-americanas foi financiada pela Fundação Rockefeller⁽³⁾.

Seria oportuno apresentar o decreto de criação da Escola, tanto o seu preâmbulo quanto três dos seus cinco artigos:

“considerando que o desenvolvimento da enfermagem requer para o seu aperfeiçoamento preparo técnico especializado; considerando que por toda parte são necessárias enfermeiras que prestem com eficiência, auxílio aos médicos, trabalhando conscientemente, quer nos hospitais, clínicas, ambulatórios e casa particulares, quer nos serviços da S. Pública: e considerando que só existe em todo o país uma escola de Enfermagem, e isso graças aos esforços do professor Carlos Chagas, decreta:

Art. 1º - Fica criada em Belo Horizonte uma Escola de Enfermagem, de acordo com o programa oficial da Escola ‘Ana Nery’.

Art. 2º - A Escola fica subordinada à diretoria de S. Pública e terá a denominação de Escola de Enfermagem ‘Carlos Chagas’.

Art. 3º - Para perfeito funcionamento de Escola de Enfermagem a diretoria de S. Pública poderá entrar em entendimento com a Faculdade de Medicina e outras instituições necessárias ao desenvolvimento do curso.”⁽⁴⁾

Como se pode, ver os artigos 1º e 3º do decreto de criação colocam em relevo dois aspectos: a necessidade de equiparação da Escola ao padrão Anna Nery, e sua dependência em relação à Faculdade de Medicina e outras instituições de saúde no que diz respeito ao ensino.

Desse modo, como Escola estadual, a EECC subordinava-se, administrativa e financeiramente à Diretoria de Saúde da Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais, e, para funcionar, dependia das instalações do Hospital São Vicente de Paulo - atual Hospital das Clínicas da UFMG - e dos professores da Faculdade de Medicina, conforme o contrato firmado entre as duas instituições. Assim, a Escola teve como primeira sede administrativa o referido hospital.

Por outro lado, tornar-se equiparada significava ser reconhecida, nacionalmente, como escola de Enfermagem. As escolas que quisessem a equiparação deveriam, transcorridos dois anos de funcionamento do curso, solicitá-la ao Ministério da Educação e Saúde Pública - MESP -, descrevendo, detalhadamente, a organização do curso, as instalações materiais, a composição e os títulos do professorado e enviar exemplares de seus estatutos, regulamentos e regimento interno. Por indicação da diretoria da Escola de Enfermagem Ana Nery, seria designada, então, pelo MESP, uma enfermeira para realizar a inspeção e emitir parecer, concluindo pela equiparação - ou não - da escola.

Em 1937, a Diretora da EECC - Laís Netto dos Reys - encaminhou ao MESP a documentação exigida, solicitando a equiparação, acompanhada de exposição de

motivos. A inspeção foi realizada em dezembro de 1938. Contudo, a Escola não obteve a equiparação.

Foi realizada nova inspeção em fevereiro de 1942 e concedida a equiparação à EECC, em 24 de março do referido ano, pelo Decreto nº 9.102. Em matéria de jornal, na época, Laís Netto dos Reys afirmou não ter sido fácil obter a equiparação, que o processo levou cinco anos, para percorrer os trâmites legais, e que o decreto-lei, oficializando a Escola, beneficiou dezenas de enfermeiras diplomadas, que, até então, só podiam exercer a profissão no Estado de Minas Gerais. Com a equiparação, elas estavam legalmente aptas a dirigir qualquer serviço de Enfermagem no Brasil.

A direção da EECC sempre foi exercida por enfermeiras. Nas primeiras décadas, a direção ficou a cargo de profissionais leigas. Mesmo sob direção laica, os valores da religião católica tiveram papel preponderante na orientação moral das alunas.

As religiosas – Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo - assumiram a direção da Escola, em julho de 1949, e permaneceram até o início de 1967, quando, novamente, a Escola ficou sob a responsabilidade de uma leiga, durante o período que antecedeu à desanexação da Escola da Faculdade de Medicina.

Como foi visto, a EECC subordinava-se à Diretoria de Saúde Pública da Secretaria de Educação e Saúde do Estado de Minas Gerais e dependia da Faculdade de Medicina, no que diz respeito a instalações e professores para o ensino teórico. Contudo, no final da década de 1940, a referida Faculdade cogitava sobre a possibilidade de criar um curso de Enfermagem que fosse a ela vinculado e subordinado.

Em fevereiro de 1950, em ata de reunião da Congregação da Faculdade de Medicina, o Prof. Clóvis Salgado lembra que havia sido recomendada a criação de uma escola de Enfermagem. Segundo ele, “este trabalho poderá ser diminuído, pois o secretário de Assistência e Saúde concorda com a encampação, pela Faculdade, da Escola Carlos Chagas”⁽⁵⁾.

Tal ponderação foi acatada, uma vez que a EECC foi anexada à Faculdade de Medicina pela Lei nº 1.254, de 4 de dezembro de 1950, que dispõe sobre o sistema federal de ensino superior. Dois fatos merecem ser mencionados: a Faculdade de Medicina passava pelo processo de federalização; foi promulgada a Lei nº 775, que, em seu artigo 20, diz que, em cada centro universitário ou sede de Faculdade de Medicina, deveria haver uma escola de Enfermagem. Como já citado, a desanexação ocorreu em 12 de fevereiro de 1968.

No que se refere ao ensino de Enfermagem, este apresentava, como parâmetro de organização, o chamado padrão Anna Nery, da Escola de Enfermagem Anna Nery, que, por sua vez, atendia a regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Na década de 1930, a EECC oferecia, fundamentalmente, três cursos: curso de Enfermagem Geral, denominado Enfermagem Padrão; curso de Auxiliar de Enfermagem, denominado Auxiliares de Hospital; curso de Cruz Vermelha, denominado curso Cultural ou Anexo.

O curso de Auxiliar de Enfermagem teve início em 1937 e foi extinto após dois anos de experiência; o curso de Cruz Vermelha teve início em 1933 e funcionou durante cinco anos. Além desses três cursos, há referências a outros, como Educação Física, Admissão ao Curso Geral, Religião e Canto. Todos esses últimos eram oferecidos pela EECC às suas alunas e abertos à comunidade.

O curso de Enfermagem Geral, atualmente denominado de curso de graduação em Enfermagem, vem sendo oferecido, ininterruptamente, desde a criação da Escola, em 1933, até os dias atuais.

Nos três programas curriculares vigentes nas três primeiras décadas de funcionamento da escola, o ensino teórico e o prático eram ministrados perfazendo oito horas diárias, com cobertura de vinte e quatro horas em alguns campos de estágio. As aulas eram ministradas por enfermeiras, Instrutoras da EECC, médicos da Faculdade de Medicina, Diretores da área de saúde pública e chefes de centros de saúde. A participação de professores da Faculdade de Medicina foi sendo reduzida ao longo dos anos e quase extinta com a desanexação da Escola.

O ano letivo ia de março a dezembro, e as matrículas eram feitas semestralmente, em fevereiro e julho. As alunas gozavam de um mês de férias ao ano, e as faltas eram compensadas ao término do curso. Vale lembrar que, apesar de o ano letivo durar de março a dezembro, as alunas cobriam alguns campos de estágio durante todo o ano. Em decorrência disso, só tinham um mês de férias.

Na década de 1950 - mais precisamente, em 1957, além do curso de graduação, funcionou uma primeira turma de um curso de pós-graduação – especialização –, em Obstetrícia. Não foram encontradas maiores informações sobre essa primeira experiência de pós-graduação como especialização na escola, nem os motivos de a duração ter sido tão curta.

Na década de 1930, temos referências sobre a criação da revista “A Enfermagem em Minas”. Foi o primeiro periódico nacional da área de Enfermagem com proposta de “revista mensal ilustrada”. Há referências sobre a edição de nove exemplares, publicados de setembro de 1936 a fevereiro de 1938. A revista deixou de ser publicada no ano da saída da Diretora Laís Netto dos Reys.

No que diz respeito à prestação de serviços à comunidade aliada ao ensino, a Escola participou, nessa década, do “Mês Feminino”, na cidade de Viçosa, ministrando cursos. Participava, também, das grandes campanhas públicas voltadas para vacinação em massa e saneamento básico. Como não havia

estágio permanente em algumas disciplinas, as alunas exercitavam-se prestando serviço; epidemias e enchentes eram oportunidades para que fizessem estágio em saúde pública, tanto na capital como no interior.

Há, ainda, informações de que, na década de 1930 e 1940, funcionava um posto de serviço na Avenida Afonso Pena, 574, onde a escola colocava à disposição da comunidade serviços de curativos, injeções, massagens e outros tratamentos de Enfermagem.

Além disso, a escola prestava serviços particulares, atendendo à população de Belo Horizonte, executados não só pelas alunas, mas também pelas Instrutoras e até mesmo pela Diretora.

Com relação à moradia, na década de 1930 e nas décadas posteriores, a modalidade de internato era o regime preconizado para as escolas de Enfermagem. Todavia, a EECC, por não dispor, inicialmente, de local para residência das alunas, começou a funcionar apenas na modalidade de externato. Laís Netto dos Reys, em 19 de março de 1935, inaugurou o internato, situado na Rua do Chumbo, 601, hoje Rua Prof. Estêvão Pinto, no Bairro da Serra. A casa foi denominada pelas alunas como “Casa Amarela da Serra”, cujas verbas para manutenção eram provenientes de duas fontes: auxílio mensal do governo estadual - Diretoria de Saúde Pública - e mensalidades pagas pelas alunas. Assim, o funcionamento geral da residência e a contratação e a remuneração dos funcionários oscilavam de acordo com a verba disponível.

A administração geral do internato ficava a cargo de uma Ecônoma, que deveria ser senhora de alta qualidade moral e capacidade administrativa, escolhida pela Diretora; serventes e empregados lhe eram subordinados. Também era de sua responsabilidade o zelo pela ordem, silêncio, asseio do estabelecimento e administração dos serviços internos.

O internato era, preferencialmente, destinado a moças procedentes do interior ou de outros Estados. Nele residiam, além das alunas, a Diretora, algumas Instrutoras e alguns funcionários. Era comum algumas alunas permanecerem no internato após a formatura, bem como, alguns familiares. Os moradores deveriam obedecer a normas estabelecidas em regulamento, normas essas que foram sofrendo adaptações, ao longo do tempo.

Em 1939, devido a dificuldades financeiras e à sensível diminuição do número de matrículas, o internato foi transferido para uma casa menor, localizada na Rua Santa Rita Durão, 1.263, próxima à Praça da Liberdade. Permaneceu nesse local até 1942, quando voltou para a Rua do Chumbo. Já em 1947, com o aumento do número de matrículas, foi alugado mais um prédio, na Rua Caetano Dias .

No começo de 1948, os dois prédios do internato já eram insuficientes para o crescente número de alunas, e foi necessário transferir vinte e quatro alunas para parte do prédio situado na Rua da Bahia, esquina com a Rua Bernardo Guimarães, onde já

funcionavam a secretaria da escola e algumas salas de aula. O restante do prédio era ocupado por almoxarifado da Secretaria de Saúde e Assistência do Estado de Minas Gerais .

Em outubro de 1948, como havia vagas na casa da Rua do Chumbo e havia vencido o contrato da casa da Rua Caetano Dias, esta foi entregue ao proprietário.

A “Casa Amarela da Serra” sofreu reduções na edificação e no terreno e constitui parte do patrimônio histórico de Minas Gerais; atualmente, funciona, no local, o Patrimônio Histórico Urbano da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

De 1954 a 1960, o internato funcionou no prédio do Hospital da Cruz Vermelha Brasileira - atual Hospital Semper, na Alameda Ezequiel Dias, 389.

Em 1957, teve início a construção da sede da EECC na Avenida Prof. Alfredo Balena, e, em 1962, o internato foi mudado para este prédio ainda em construção.

A partir de 1968, com as mudanças decorrentes da Reforma Universitária, a Escola passou a não admitir novas alunas no internato. Com sua extinção, em 1970, todo o mobiliário foi doado para instituições filantrópicas, ficando, apenas, alguns móveis, que, até hoje, encontram-se nas dependências da escola.

O dia-a-dia no internato e a vida na EECC eram marcados por uma série de solenidades, comemorações e visitas, especialmente, nas décadas de 1930 e 1940; a Escola fazia dos festejos e das atividades realizadas, momentos preciosos para divulgação da profissão e do trabalho de enfermeira. A imposição de insígnias foi uma das solenidades mais importantes: além do fim a que se destinava, era revestida de símbolos, como bandeiras, juramento, hino e oração da enfermeira, que espelhavam os valores religiosos, humanitários e patrióticos preconizados pela Escola.

Além do envolvimento em eventos, principalmente religiosos, a Escola recebia autoridades em jantares oferecidos no internato. Comemoravam-se todas as datas importantes. As primeiras Diretoras procuravam promover ampla divulgação da Escola, indo à redação dos jornais, viajando pelo interior do Estado, freqüentando os meios políticos e eclesiásticos.

A participação das alunas nas solenidades estendia-se aos desfiles de 7 de setembro, a cerimônias religiosas; na década de 1960, acompanhavam a procissão de Corpus Christi. Nessas ocasiões, envergavam o uniforme de gala e carregavam bandeiras.

Os valores religiosos faziam-se presentes: no interior da EECC, havia uma capela, inaugurada em 19 de junho de 1935, sendo a mesma extinta já na década de 1990.

Com relação a uniformes, há referências sobre o seu uso e seus significados: Reys, segundo Coelho⁽⁶⁾, justificava-lhe o uso em suas aulas de “Ética Profissional”, dizendo que a enfermeira carecia de sinal exterior - uniforme -, que a tornasse diferente das demais pessoas. Tal sinal obedecia a um princípio superior,

indicativo de pureza de vida, simbolizada pela cor branca, que servia para identificar, de forma indubitável, tanto a presença física da enfermeira quanto o que ela representava. Por esse princípio, o uniforme possuía função e significado. Quanto à de manutenção da higiene, Reys, citada por Coelho⁶⁾, diz que “(...) para lidar com a doença e o ambiente hospitalar, exige-se um traje próprio, especial, lavável, de fácil limpeza, de fácil verificação do sujo e do pouco cuidado e que permita movimentos amplos e livres”. No que tange ao significado, o uniforme, ao identificar a enfermeira, servia para sua proteção e defesa. Assim, Reys diz que, “em qualquer situação ou lugar, vestida com seu uniforme, portando suas insígnias, ela evidencia o trabalho que executa, identifica sua presença. Todos respeitam e compreendem essa presença, mesmo nos piores lugares, ainda naqueles de má frequência social”^{6:140)}.

Além da identificação profissional, o uniforme tinha o significado de traduzir, na EECC, uma hierarquia, tornada visível pelo uniforme. As insígnias, símbolos capazes de distinguir os diversos cargos dentro da corporação, eram os principais símbolos, de diferenciações dentro da profissão. Elas eram entregues em uma solenidade que ocorria após a etapa preliminar de aulas teóricas, ocasião em que as alunas iniciavam as aulas práticas. Essa cerimônia, celebrada como um rito de passagem, era denominada Imposição de Insígnias, e a ela era conferida mais importância do que a solenidade de formatura. Nas primeiras décadas do curso, essa imposição era uma festividade pomposa, da qual participavam autoridades civis, religiosas e militares. A cerimônia tinha um paraninfo e contava, em geral, com a presença do Arcebispo de Belo Horizonte para a liturgia católica e a bênção das insígnias; também participavam as demais alunas e pessoas da sociedade.

Nessas cerimônias, enquanto as alunas do curso de Auxiliar de Hospital recebiam diplomas e as do Curso Anexo Cruz Vermelha, os certificados, as do Curso Geral prestavam juramento e recebiam as insígnias - véu e braçadeira. Esta era uma fita usada no braço esquerdo, tendo no centro uma cruz vermelha, a cruz-de-malta com o desenho do mapa do Brasil ao centro, símbolo idealizado por Laís Netto dos Reis para a EECC. Este símbolo era também utilizado na bandeira da EECC e em papéis timbrados. Além disso, a cruz de malta estava presente em broche colocado na braçadeira ou no véu.

Algumas alterações ocorreram nos uniformes, ao longo dos anos: merece destaque a mudança do véu para a touca, ocorrida no final da década de 1940; o modelo das vestes, na década de 1950; a troca das meias brancas por meias da cor da pele, na década de 1960; por fim, na mesma década, a retirada da touca - acessório que marcou a presença da aluna de Enfermagem nas atividades práticas e que, para muitos, era o maior símbolo de identificação da enfermeira.

Na década de 1960, como foi mencionado, a cerimônia de passagem já não tinha a denominação de Imposição de Insígnias, e, sim, Festa da Braçadeira.

É importante ressaltar que, além de todas as exigências referidas, os uniformes deveriam ser mantidos limpos e engomados. Todos eles precisavam ter a medida exata. Diariamente, uma professora, munida de fita métrica, media o comprimento da saia de cada aluna.

Assim, nas primeiras décadas de existência da EECC, o uniforme tinha grande significado para as enfermeiras, que deveriam não só honrá-lo, como também passar por uma prova de aptidão e capacidade para receber as insígnias. Ao longo dos anos, o uniforme foi descaracterizando; atualmente, exige-se, apenas, a cor branca e o uso de modelos discretos, sem decotes e transparências, o que nem sempre é seguido pelas alunas.

Em relação às formas de organização estudantil, deparamos-nos com o jornal “Cinco P’ras Dez”, órgão de divulgação do grêmio literário 9:55, instituído junto com o jornal, em 2 de abril de 1935, durante a gestão de Laís Netto dos Reys. Tal jornal, em verso e em prosa, retrata o cotidiano, essencialmente lúdico, leve e prazeroso, de alunas, instrutoras e funcionários. Foram encontrados vinte e quatro exemplares do jornal: o mais antigo, datado de 16 de junho de 1935, Ano I, n. 6; o mais recente, datado de abril de 1940, Ano V, n. 10. Não há informações sobre a época do término da publicação e da extinção do grêmio.

A publicação do jornal era quinzenal; ficava, em geral, a cargo de duas redatoras. As alunas, as Instrutoras e os funcionários da Escola contribuíam com matérias. O jornal era dividido em seções: *Pingos e Respingos*, destinada a piadas, brincadeiras, fofocas; *Sociais*, com notícias sobre aniversários e visitas; *Anúncios e Poesias*, destinada a homenagear Instrutoras e funcionários da Escola. Havia, também, muitas notícias sobre cerimônias de imposição de insígnias e visitas de pessoas de destaque, autoridades ligadas à Secretaria de Educação e Saúde, à Faculdade de Medicina e ao Hospital São Vicente de Paulo, bem como autoridades religiosas e militares.

Os textos eram descontraídos. À exceção dos artigos técnicos e religiosos, nos demais, havia, aparentemente, liberdade de expressão. Brincadeiras, fofocas davam a impressão de que as reuniões do grêmio registradas no jornal eram momentos essencialmente lúdicos, verdadeiros respiradouros, para aliviar tensões⁷⁾. Uma das alunas, na coluna *Nosso Jornal*, disse que a enfermeira, por conviver com o sofrimento, precisa de humor, alegria e que o jornal “Cinco P’ras Dez” proporcionava esse momento, trazia espírito de fraternidade.

A cada número do jornal, correspondia uma sessão do grêmio, e a “Casa Amarela da Serra” abria suas portas para as visitas. Nessas ocasiões, o jornal era lido, as alunas e os visitantes tocavam piano, recitavam versos e dançavam. Um verdadeiro

sarau. Durante as sessões do grêmio, diversas músicas eram cantadas, entre elas, o hino do Grêmio e composições de alunas.

Ao finalizar esse primeiro período da EEUFMG, vale ressaltar que este foi um tempo marcado pela paixão, audácia e amor dessas pioneiras à profissão. Em menos de uma década de existência, essa paixão fez com que, mesmo com toda dificuldade, a Escola mostrasse sua importância para a cidade de Belo Horizonte e mesmo para o Estado de Minas Gerais. Além de ministrar ensino de qualidade às alunas e impor-se como instituição, fez progredir, ao seu redor, o conhecimento e os serviços de enfermagem. A riqueza e o dinamismo das atividades de suas dirigentes, funcionárias e alunas fizeram época, a ponto de a escola passar a ser fator de unidade para a enfermagem mineira.

Hoje, a EECC, esquecida por muitos, torna-se cada vez mais próxima de nós, mostrando-nos que sua história permanece viva nos documentos e nas lembranças das pessoas e que sua trajetória é seguida na EEUFMG.

Em 1968, com a desanexação da Faculdade de Medicina, a EECC passou a ser denominada Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais - EEUFMG. A partir de então, sofreu alterações, passando a ter a autonomia administrativa e financeira

Parece que, nesse segundo período, o mesmo dinamismo, a mesma curiosidade, a mesma garra, perante os desafios e controvérsias, permanecem, ainda que, em alguns momentos, pareçam obscurecidos. A cadeia de transmissão oral e escrita, entrelaçada em filigrana e iniciada no primeiro período da Escola, não foi interrompida, embora muitas das malhas intermediárias escapem, na tentativa de recompor essa trama.

Hoje, a EEUFMG tem reconhecimento nacional e internacional. Alicerçada no espírito universitário, é uma Escola moderna, e, claro, continua enfrentando discórdias, desavenças, conflitos e dificuldades de várias ordens. Na dinâmica das dificuldades e realizações, vem desenvolvendo atividades na área de ensino, pesquisa e extensão.

Vale ressaltar que, para este período, até o momento, não existem estudos históricos sistemáticos. Desse modo, o que se apresentam são pontuações de eventos, acontecimentos e aspectos encontradas em informações verbais, a partir de lembranças.

Administrativamente, a Escola possui três Departamentos: Enfermagem Básica – ENB -, Enfermagem Aplicada – ENA - e Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública – EMI -; dois Colegiados de Curso: Graduação e Pós-Graduação; um órgão suplementar: Centro de Tecnologia Educacional em Enfermagem – CTEEnf -; órgãos de apoio: Núcleo de Apoio à Pesquisa – NAPq - e Centro de Extensão – CENEX e cinco Seções: Seção de Ensino, Seção de Pessoal, Seção de Contabilidade e Compras, Seção de Serviços Gerais e Seção de Almoxarifado e Faturamento.

Atualmente, a direção da Escola é composta por um diretor – Prof. Dr. Francisco Carlos Félix Lana – e uma vice-diretora – Profa. Dra. Tânia Couto Machado Chianca. Conta com 69 docentes, lotados nos três Departamentos, sendo 21 Doutores, 44 Mestres e 4 Especialistas; 34 funcionários técnicos-administrativos.

Na área de ensino, destaca-se pela formação de profissionais de Enfermagem em todos os níveis - ensino médio, graduação e pós-graduação.

Na graduação, forma enfermeiros que exercem a profissão em setores e locais os mais diversos. A formação atual do enfermeiro conta com nove semestres letivos, perfazendo um total de 3.585 horas para o bacharelado e 4.050 horas, incluindo a Licenciatura. Nos dois últimos semestres, com 450 horas cada um, é desenvolvido o estágio supervisionado. Até 2002, a Escola graduou 2.287 enfermeiros.

Na pós-graduação, oferecem-se cursos de mestrado em Enfermagem desde 1994, e de especialização em Saúde Pública, desde 1988, na sede e fora dela. Em 1999, foi instalado o Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica, sob a forma de residência. Em 2002, iniciou-se a primeira turma do Curso de Especialização em Enfermagem Hospitalar, com áreas de concentração em Enfermagem em Terapia Intensiva, Enfermagem em Transplantes, Enfermagem em Geriatria, Enfermagem em Neonatologia e Enfermagem em Nefrologia.

Em relação ao corpo discente, a Escola possui 453 alunos na graduação, 185 nas Especializações e 71 no mestrado, que titulou, até março de 2003, 128 mestres e apresenta uma demanda de candidatos enfermeiros ao curso, sempre crescente, vinculados ao ensino e aos serviços assistenciais. Conta com treze grupos/núcleos de pesquisa, sendo seis cadastrados junto ao CNPq.

A extensão tem ampla área de abrangência e apresenta diversidade na natureza das atividades desenvolvidas em seus programas e projetos.

Na década de 1970, a Escola envolveu-se com o Projeto Metropolitano e na de 1980 participou do Programa Transetorial de Ações Comunitárias – PTAC, desenvolvidos pela UFMG, com a participação de várias Unidades e com ações interdisciplinares, visando a contribuir com a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Um dos programas que se reverteu em inúmeros avanços para a enfermagem mineira foi o Programa de Desenvolvimento da Enfermagem – PRODEn, financiado pela Fundação Kellogg. Coordenado pela Escola e articulando um trabalho integrado com todas as escolas de graduação em enfermagem do Estado, o PRODEn potencializou a intervenção dessas no contexto em que estão inseridas, seja no aspecto de ensino, seja no de pesquisa, ou de extensão de conhecimentos à comunidade. Importantes produtos desse trabalho articulado são: o Banco de Dados em Bibliografia Convencionais e Não-

Convencionais em Enfermagem - BDENF e a Revista Mineira de Enfermagem - REME - lançada em 1997.

Além desse trabalho desencadeado pelo PRODEn, destacam-se o Projeto de Nível Médio que começou com o Curso de Qualificação Profissional do Auxiliar de Enfermagem – CQPAE, em 1998. Atualmente, a Escola participa do Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem – PROFAE -, do Ministério da Saúde, oferecendo cursos de Auxiliar e de Técnico de Enfermagem, em parceria com instituições da área de saúde, em 160 municípios do Estado. Até os dias atuais, 1.220 Técnicos e 981 Auxiliares de Enfermagem concluíram o curso, e, em 2003, conta com 1.102 alunos matriculados.

A Escola oferece, junto com a Faculdade de Educação da UFMG e, em parceria com a Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz – ENSP/FIOCRUZ -, dentro do PROFAE, o Curso de Ensino à Distância - especialização: Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde - Enfermagem, para enfermeiros/instrutores dos cursos de nível médio. Nesta modalidade de ensino, já titulóu 187 especialistas e possui 120 alunos em curso, abrangendo em torno de 70 municípios do Estado de Minas Gerais.

Foi criado também em 2002, o Curso de Especialização em Saúde da Família/BH-VIDA/Projeto Veredas de Minas, com a participação de outras Unidades da UFMG, que conta com 652 alunos inscritos, distribuídos em 272 municípios do Estado.

Outra linha de trabalho decorrente do PRODEn é a incorporação de tecnologias inovadoras no ensino como o programa de educação à distância, o que tem permitido ampliar os cursos oferecidos pela Escola.

Nesse segundo período da trajetória da Escola, como já foi ressaltado, foi feito um retrato instantâneo que abrange alguns projetos que têm sido levados avante, essencialmente, nos seus últimos trinta e cinco anos em que a EEUFMG sofreu grande expansão e passou a ter atividades cada vez mais complexas que vêm à lembrança e mereceriam destaque; porém, não há espaço para traduzir toda a riqueza dos acontecimentos e eventos ocorridos nesses setenta anos de existência.

Em todo esse tempo, a Escola de Enfermagem da UFMG vem cumprindo a sua missão de formar enfermeiros e manter-se vinculada às políticas públicas, particularmente às de educação e de saúde, que dizem respeito a programas voltados para as reais necessidades da população. Pioneira do ensino da Enfermagem no Estado de Minas Gerais, a Escola, nesse período, conquistou reconhecimento e valorização. As ações quotidianas, mesmo as minúsculas - as decisões, as reivindicações, as aulas -, refletem o significado atribuído aos valores da profissão e terminam por configurar uma teia cuja trama deixa à mostra luzes e sombras de uma instituição que se fez pela audácia das pioneiras e pela perseverança de seus sucessores. Falar da Escola de Enfermagem da UFMG é descrever uma história de setenta anos de paixão, audácia e amor à profissão.

Summary

The subject of this text is to show some events, happenings and aspects related to the history of the School of Nursing of the Federal University of Minas Gerais, that is celebrating its seventieth anniversary in 2003. It is divided in two large periods: one, from the creation of the school, in 1933, until 1968, and the other, from 1968 to the present days.

Key-Words: *Schools of Nursing – History; History of Nursing; Retrospective Studies*

Resumen

El objetivo de este texto es presentar algunos hechos, acontecimientos y aspectos de la trayectoria de la Escuela de Enfermeros de la Universidad Federal de Minas Gerais, que cumple setenta años en 2003. La trayectoria se divide en dos grandes etapas: la primera, desde la creación de la escuela en 1933, hasta 1968 y la segunda, desde 1968 hasta la fecha.

Palabras Clave: *Escuelas de Enfermeros – Historia; Historia de la Enfermería – Estudios Retrospectivos*

Referências bibliográficas

- 1 Nascimento ES, Santos GF, Caldeira VP. Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG: um mergulho no passado. Belo Horizonte: Escola de Enfermagem da UFMG; 1999.
- 2 Brasil. Conselho Nacional de Educação. Resolução n.3, 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação do Ensino de Enfermagem. Diário Oficial, 9/nov. 2001.
- 3 Jussara S, Ieda AB. As enfermeiras norte-americanas e o ensino da enfermagem na capital do Brasil: 1921-1931. Rio de Janeiro: Ed. Escola de Enf. Anna Nery/UFRJ; 1999.
- 4 Minas Gerais. Decreto Nº 10.952, de 7 de jul. 1933. Criação da Escola de Enfermagem Carlos Chagas.
- 5 Faculdade de Medicina da UFMG. Ata da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, 4 fev. 1950.
- 6 Cecília PC. Escola de Enfermagem Anna Nery: sua história, nossas memórias. Rio de Janeiro: Cultura Médica; 1997.
- 7 Teixeira VMN. O cotidiano da Escola de Enfermagem Carlos Chagas: entre luz e sombra. [Dissertação] Belo Horizonte, Minas Gerais: Escola de Enfermagem da UFMG; 2002.